

setor à parte, ao lado de outros setôres da vida social; ao contrário, nas camadas mais baixas da população, a religião embebe todos os aspectos da existência, não constitui setor diferenciado. Seria interessante descobrir quais os fatores que permitem a conservação do **vodu** mesmo nas camadas superiores, onde o elemento racional já é suficientemente perceptível para determinar atitudes de descrença.

Finalmente, há que lembrar a pertinência de uma comparação entre o **vodu** do Haiti e os cultos negros brasileiros, tanto mais que o **vodu** dahomeano, de que se originou o do Haiti, apresenta uma ramificação brasileira, existindo principalmente na região de São Luís do Maranhão.

#### Maria Isaura Pereira de Queiroz

HERMANN TRIMBORN: **Das Alte Amerika**. 160 págs. de texto e 186 ilustr. em 112 pranchas, além de 4 pranchas a cores. Grosse Kulturen der Frühzeit. Gustav Kilpper Verlag, Stuttgart, 1959. (Preço: DM: 24,50).

Em magnífica visão de conjunto e sem nunca se perder em pormenores técnicos, o conhecido professor da Universidade de Bonn apresenta um quadro das chamadas altas-culturas ou civilizações indígenas do Iucatã, do planalto mexicano e do Peru, bem como da costa-do-ouro da América Central e do Eldorado da Colômbia. Baseado em exaustivo estudo da literatura especializada, em pesquisas por êle próprio empreendidas em sucessivas viagens científicas e em sua notória capacidade de realçar os caracteres essenciais e mais significativos dos temas que aborda, Trimborn realizou uma tarefa de real mérito. Obra de ciência embora, o livro não exhibe em notas e referências bibliográficas o lastro de erudição que foi necessário para escrevê-lo, e o texto, prescindindo de terminologia esotérica, é acessível a qualquer pessoa culta. Ademais, o volume se impõe pelo valor estético, quer no estilo impecável e na viveza da linguagem, quer na abundância e criteriosa escolha das ilustrações, sem falar no esmero do feitiço material. Enriquece a biblioteca do antropólogo e do arqueólogo, mas também a estante do bibliófilo e do amigo das coisas belas.

Longe de se contentar com a análise, aliás cuidadosa, ainda que sumária, das transformações históricas ou pré-históricas das culturas que passa em revista, Trimborn destaca, de modo magistral, os traços principais que estas tinham em comum e, por outro lado, o perfil característico de cada uma delas. Com a seqüência dos capítulos, o leitor as vai conhecendo, uma após outra, como unidades inconfundíveis em sua formação histórica e em seu estilo próprio, mas ao mesmo tempo integradas num complexo processo de milênios, de âmbito quase continental. Quanto ao desenrolar desse processo, é notável em vários sentidos a similaridade das épocas sucessivas nas diferentes partes da América. Trimborn não salienta apenas as feições igualmente comuns às antigas civilizações do Velho Mundo, como a base agrária na fase inicial, e, posteriormente, a sociedade de classes, os estamentos, a urbanização e o artesanato. Bem mais surpreendentes se denunciam as correspondências cronológicas entre as grandes fases das altas-culturas ameríndias: a formativa, no milênio que precede a nossa era; a clássica, de cunho teocrático, no primeiro milênio da era cristã, e, por último, a pós-clássica, caracterizada como tendente à secularização e à constituição de impérios. Os modernos métodos de datação

arqueológica vêm confirmar o esquema. E tais correspondências, em vez de fortuitas, revelam ter havido estreita conexão histórica entre as populações indígenas que, em diferentes pontos do Novo Mundo, atingiram o estágio da civilização. Os argumentos a favor dessa tese, Trimborn os sintetiza numa bela página e, a seguir, discute o problema das antigas relações intercontinentais. Pronuncia-se — com reservas, é verdade — a favor das influências transpacíficas admitidas por Heine-Geldern e Ekholm e rejeita as idéias de Thor Heyerdahl. Quanto ao destino por assim dizer trágico das altas-culturas da América em confronto com a civilização ocidental, a cujo embate não resistiram, explica-o em última instância pelo fraco domínio racional ou intelectual da realidade, em flagrante desnível com a riqueza atingida em outros setores.

Por indubitável, porém, que seja um certo parentesco entre as culturas descritas, por expressivas umas tantas correspondências fundamentais, não se oblitera com isso a marcante individualidade de cada uma delas. Em parte alguma do livro Trimborn perde de vista este fato e não deixa de pôr em relêvo o que as distingue entrê si. Adaptaram-se a ambientes geográficos díspares e cada qual tomou orientação própria em seu desenvolvimento. Assim, os Asteca demonstraram a originalidade e o vigor de sua cultura na cosmologia, na arquitetura, no urbanismo, na rede de comunicações e no sistema comercial, mas desconheciam, entre outras coisas, o uso de metais na confecção de armas guerreiras. Os Maya, os “gregos da América”, superaram as demais populações ameríndias no campo intelectual e artístico, ao passo que na técnica não ultrapassaram o estágio da “idade da pedra”. As culturas andinas em geral se destacaram na metalurgia, na tecelagem, na construção de terraços e de sistemas de irrigação, sendo que os Kétxua em especial demonstraram o seu gênio político na formação e organização do maior império pré-colombiano; por outro lado, não possuíam nada equivalente à escrita hieroglífica, ao calendário e à cronologia desenvolvidos na área mesoamericana. Isto, para darmos apenas alguns dos fatos principais.

**Das Alte Amerika** é um livro que se lê com prazer da primeira à última página e sempre com grande proveito, ainda mais porque as ilustrações que o acompanham não constituem, por assim dizer, um álbum à parte, como é freqüente acontecer, mas estão tôdas em relação estreita com o texto. A exposição é firme, de um especialista que domina o assunto e que não vai catando penosamente os seus dados para compor o quadro que apresenta.

**Egon Schaden**

**HÉLIO GALVÃO: O Mutirão no Nordeste**, 75 págs., edição ilustrada. Serviço de Informação Agrícola, Série “Documentário da Vida Rural”, N.º 15. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1959.

Hélio Galvão, Professor de Antropologia da Faculdade de Filosofia de Natal, R. N., acaba de publicar interessante monografia sobre a ajuda mútua, ampliando a Série “Documentário da Vida Rural”, editada pelo Ministério da Agricultura, sob a direção de Manuel Diégues Junior.

À guisa de prefácio, o Diretor do Serviço de Informação Agrícola situa o Autor e a matéria estudada no panorama cultural brasileiro, frisando que Hélio Galvão foi um dos pioneiros do estudo das formas de cooperação entre nós.